



6º Encontro Internacional de Política Social
13º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Duzentos anos depois: a atualidade de Karl
Marx para pensar a crise do capitalismo
Vitória (ES, Brasil), 4 a 7 de junho de 2018

Eixo: Mundo do trabalho.

A SUBJETIVIDADE EM TEMPOS DE PRODUÇÃO FLEXÍVEL

Luisa Fernandes Cordeiro¹

Resumo: Propõe-se, neste estudo, uma reflexão sobre os movimentos mais contemporâneos do modo de produção capitalista. Compreende-se o ser social como um ser portador de objetivações, portanto, composto pela subjetividade. Realiza-se uma análise como o modo de produção capitalista e suas engrenagens impactam o processo de formação da subjetividade, em especial no período da produção flexível.

Palavras-chave: Trabalho; Subjetividade; Produção Flexível.

SUBJECTIVITY IN TIMES OF FLEXIBLE PRODUCTION

Abstract: It is proposed, in this article, a reflection on the most contemporary movements of the capitalist mode of production. It is understood the social being as a being that carries objectifications, therefore, composed by subjectivity. An analysis is made as the capitalist mode of production and its gears impact the process of subjectivity formation, especially in the period of flexible production.

Keywords: Work; Subjectivity; Flexible Production.

Introdução

Ao se pensar sobre o papel e a importância que a subjetividade assume na produção flexível, se faz necessária a reflexão sobre o cotidiano de trabalho que vem sendo assumido em tempos de uma nova forma de gestão da força de trabalho. Assim, salienta-se que

[...] é neste ponto que chegamos a um aspecto essencial ao nosso tema: o trabalho tem de deixar de ser somente um meio de vida. Ora, mas o trabalho é um meio de vida! Aliás, uma mediação essencial que é responsável pelo desenvolvimento do ser social histórico que chamamos de humanidade. Quando perguntamos a qualquer pessoa: por que você trabalha? Ela nos responde: “Para pagar minhas contas, comprar o que é necessário para viver!”. Ao responder desta forma, o senso comum revela que o trabalho se degradou em mero “meio de vida” e não como “primeira necessidade vital”. Degradado em mero meio e não como vida, é natural que só nos sentimos vivos fora do trabalho e nunca dentro dele. Trabalhos oito horas para viver os minutos que nos sobram no dia, cinco dias para viver no fim de semana, onze meses para viver nas férias, trinta e cinco anos para viver depois que nos aposentamos. Olhamos para o relógio e pensamos: só faltam sete horas e cinquenta e nove minutos... Só faltam dez meses e vinte e nove dias... só faltam vinte anos... Depois estranham que as pessoas enlouqueçam (IASI, 2013 p.58).

¹ Assistente Social. Mestra em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutoranda na PUCRS. E-mail: <lusebraefg@hotmail.com>.

Dessa forma, em “A maldição e a Emancipação do Trabalho (Ou como a Humanidade Dançou e Como Ela Pode Dançar)”, Mauro Iasi faz reflexões sobre o sofrimento do trabalho. A centralidade dos dispositivos organizacionais (e institucionais) da nova e complexa reestruturação produtiva é a captura da subjetividade do trabalhador pela lógica de reprodução do capital fundante no modo de produção capitalista. Ou seja, aparece uma nova lógica, que é capaz de encaminhar e delinear as ações e pensamentos dos trabalhadores, a qual, por sua vez, deve estar na mesma direção da produção e da sua nova forma de produzir, portanto, uma produção mais inteligente (ALVES, 2000).

Na atualidade, o modelo de gestão da mão de obra para a produção da mercadoria, na lógica capitalista, é o de organização flexível, em que o toyotismo é um exemplo. Tal modelo possui característica manipulatória muito mais intensa do que outras formas anteriores de gestão da força de trabalho. Isso se deve ao fato de que, no novo processo de produção da mercadoria, o que se deseja “capturar” não é somente o “fazer” e o “saber” dos trabalhadores, mas também sua disposição intelectual, constituída para servir de instrumento de cooperação com a lógica da valorização (ALVES, 2000).

Portanto, observa-se uma mudança comportamental do trabalhador, e claramente isso não parte de si. O processo de encorajamento, vindo do modo de gestão da força de trabalho e da linha de produção remanejada, direciona o trabalhador a pensar proativamente e, com isso, ter um comportamento exclusivamente voltado para o trabalho. Fato é que trabalhadores estão buscando soluções antes mesmo de os problemas acontecerem. Essas mudanças comportamentais-intelectuais trazem consequências também no plano sindical, afinal, se o trabalhador se comporta de uma nova maneira, as estratégias do sindicato também tomarão novas formas, e então um caráter mais reformista do sindicato se apresenta, o que distingue o seu caráter original de luta, isto é, combativo.

Desenvolvimento

Diferentemente do que acontecia no modelo de gestão fordista, a gestão flexível não deixa de utilizar o “espírito” do trabalhador. Sobretudo porque não é necessária somente uma ligação mecânica entre o homem e a máquina, e sim uma ligação orgânica, um elo completo. Assim, uma das estratégias do toyotismo, através da recomposição da linha de produção, está em buscar incessantemente “capturar” o pensamento do

trabalhador. Aqui, então, é possível compreender e diferenciar os comportamentos dos trabalhadores no modelo de produção fordista e da gestão flexível. Se, no fordismo, o trabalhador da linha de montagem pensava, sob a ótica do toyotismo o pensar é um pré-requisito. No fordismo,

[...] o operário continua “infelizmente” homem e, inclusive [...] durante o trabalho, pensa demais ou, pelo menos, tem muito mais possibilidade de pensar, principalmente depois de ter superado a crise de adaptação. Ele não só pensa, mas o fato de que o trabalho não lhe dá satisfações imediatas, quando compreende que se pretende transformá-lo num gorila domesticado, pode levá-lo a um curso de pensamentos pouco conformistas (GRAMSCI, 1984, p. 384).

No modelo de produção toyotista a capacidade intelectual é mais utilizada, todavia toda a inteligência humana está sob o domínio e a serviço do capital. Ou seja, neste novo modo de gestão da força de trabalho, o trabalhador tem novas formas de ser controlado através do trabalho. Assim, compreende-se que, através da “autoativação” centrada na polivalência, uma das diretrizes do toyotismo, é uma prática “educativa” do modo de produção capitalista, é entre outros uma integração (e controle) do trabalho submetido à nova lógica na produção de mercadorias (CORRIAT, 1994).

Salienta-se que é possível perceber a mudança mecânica (fordista) para a interação orgânica (gestão flexível) e, com isso, se percebe um novo agir do trabalhador. Esse novo nexos do trabalho se traduz como a captura da subjetividade do trabalhador. É possível que se visualize isso ao se perceber que o toyotismo reconstrói, sob as novas bases sociotécnicas do trabalho, o trabalhador coletivo, que será determinante para a nova forma de produzir mercadorias.

Denomina-se o que o toyotismo consegue instaurar de o processo de “subordinação formal-intelectual (ou espiritual) do trabalho ao capital” (Ruy Fausto 1998). Isso é o que se tem feito referência, tratando como novo nexos da produção capitalista. Esse processo intensifica a interação e a torna cada vez mais necessária, ou seja, o pensamento e a ação dentro da produção tomam uma nova forma, mais orgânica, dependendo como nunca da performance do trabalhador e do seu desempenho. Tem-se, em Alves, um exemplo desse novo nexos.

A constituição das equipes de trabalho e a empresa em rede são manifestações concretas deste novo trabalhador coletivo como força produtiva do capital. Por outro lado, o capital exige do operário ou empregado, no curso da produção de mercadorias, cada vez mais, suas habilidades afetivo-comunicacionais

necessárias para a consecução de redes informacionais que constituem as equipes de trabalho e o trabalho em rede (ALVES, 2011, p.113).

Dessa forma, o que se revela é um novo modo de agir do trabalhador coletivo, respaldado por um elo orgânico próprio da própria gestão flexível. É importante que se explique em que consiste esse elo orgânico:

[...] para o capital, unidade orgânica de pensamento e ação no local de trabalho, é expressão de fragmentação sistêmica para a classe (e consciência de classe) dos trabalhadores assalariados e para seus estatutos salariais (com a constituição de um precário mundo do trabalho pela proliferação de contratos de trabalho temporários e do trabalho atípico) (ALVES, 2011, p.113).

Compreende-se que para o modo de produção capitalista, a era que se vive ou como se produz não altera a relação de dependência do trabalhador, pois o que diferencia as épocas econômicas não é “o que” é produzido, mas “como”, “com que meios de trabalho”. Estes não apenas fornecem uma medida do grau de desenvolvimento da força de trabalho, mas também indicam as condições sociais nas quais se trabalha” (MARX, 2013). Portanto, entende-se que,

[...] enquanto persistir a presença do trabalho vivo no interior da produção de mercadorias, o capital possuirá, como atributo de si mesmo, a necessidade persistente de instaurar mecanismo de integração (e controle) do trabalho e de administração de empresas, além, é claro, de procurar dispersar os inelimináveis momentos de antagonismo (e contradição) entre as necessidades do trabalhador assalariado enquanto trabalho vivo e ser humano genérico (ALVES, 2011, p.113).

A “captura” da subjetividade é um termo que retrata o novo modo de gestão da força de trabalho e de produzir mercadorias, pois se entende que, através de uma reestruturação produtiva, o modo de produção capitalista precisou resgatar nos trabalhadores, esferas da vida que antes eram consideradas dispensáveis. Ou seja, a partir do momento em que se produz, baseando-se no elo orgânico entre trabalhador e máquina, o pensamento e as habilidades artísticas se tornam elementos que interessam a nova forma de produzir — a participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalho (ALVES, 2000). Enfim, o modelo toyotista busca mobilizar conhecimento, capacidades para uma intervenção “qualificada” do trabalhador, e esse fato não se deve apenas a uma produção de mercadorias de qualidade, mas também para agregar valor. Então, é importante compreender o significado de captura da subjetividade.

É importante destacar que, ao dizermos ‘captura’ da subjetividade, colocamos ‘captura’ entre aspas para salientar o caráter problemático da operação de captura, ou seja, não se tem uma captura real, de fato como o termo poderia supor. Estamos lidando com uma operação de produção de consentimento ou unidade orgânica entre pensamento e ação que não se desenvolve de modo perene, sem resistência e lutas cotidianas. (ALVES, 2011, p.114).

E ainda:

[...] o processo de “captura” da subjetividade do trabalho vivo é um processo intrinsecamente contraditório e densamente complexo, que articula mecanismos de coerção/consentimento e de manipulação não apenas no local de trabalho, por meio da administração, pelo olhar, mas nas instâncias socio-reprodutivas, com a pleora de valores-fetice e emulação, pelo medo que mobiliza as instâncias da pré-consciência/inconsciência do psiquismo humano (ALVES, 2011, p.114).

A partir do exposto nota-se como o caráter subjetivo do trabalho e suas transformações também colaboram para uma formação duvidosa da subjetividade do sujeito. As mudanças dos modelos de produção trazem consigo mudanças comportamentais da classe trabalhadora, as quais não aconteceram sem um movimento de resistência, entretanto, o movimento intenso do capital sob a classe trabalhadora a fragmenta.

O processo de “captura” da subjetividade do trabalho pode ser visto como uma inovação sociometabólica, que tende a dilacerar não somente a dimensão física do trabalhador, a força viva de trabalho, mas também a sua dimensão espiritual. Trata-se, aqui, de um modelo de gestão que quer realizar o impossível, ou seja, a esfera orgânica que acontece entre o homem, que é a grande fonte de inteligência, criatividade junto da “relação-capital” que reforça a ideia do trabalho estranhado e, junto a isso, as ferramentas de controle necessário para a manutenção do trabalho vivo (ALVES, 2011).

Contudo a gestão flexível tende a “não” amenizar a luta de classe e os conflitos inerentes entre capital e trabalho no interior da produção. Ao contrário, tende a exorcizar e se deslocar para espaços “invisíveis” do cotidiano e do trabalho. Ou seja, a luta de classes, em seu aspecto contingente, se expressa por microrresistências e simulações ocultas do trabalho vivo contra o novo patamar de exploração da força de trabalho (ALVES, 2000).

Falou-se, anteriormente, sobre o toyotismo, a lógica que deseja realizar o impossível, e que, além disso, estressa não somente a dimensão física, mas também a espiritual. E na lógica da gestão flexível, uma prática bastante dilacerante é a “captura” da subjetividade do trabalho que vai supor um controle do trabalho vivo através de um olhar que sonda o interior do sujeito. Isto é, encontra-se mais um artifício que interfere precisamente na organização e na mobilização da classe trabalhadora. Esse processo implica estar, incessantemente, sob o olhar de algum inspetor. Contudo, sob a escuridão dessa forma de gestão da força de trabalho, o inspetor não vem de fora, e não precisa ser

contratado para realizar tal função; o inspetor são os próprios trabalhadores. Aqui encontra-se uma tradução livre do sentido de “captura” da subjetividade, retratada na figura do inspetor de si mesmo:

[...] a sujeição do ser que trabalha ao “espírito” Toyota, à família Toyota, é de muito maior intensidade, é *qualitativamente* distinta daquela existente na era do fordismo. Esta era movida centralmente por uma lógica mais despótica; aquela, a do toyotismo é mais consensual, mais envolvente, mais participativa, em verdade mais manipulatória. [...] O estranhamento próprio do toyotismo é aquele que dado pelo “envolvimento cooptado” que possibilita ao capital apropriar-se do saber e do fazer do trabalho.” Este, na lógica da integração toyotista, deve pensar e agir para o capital, para a produtividade, sob a aparência de eliminação efetiva do fosso existente entre elaboração e execução no processo de trabalho (ANTUNES, 2015, p.53-54).

Dessa forma, o que se considera é que as bases da gestão flexível estão a disseminar uma nova ideologia do capital, que se encontra no interior da produção de mercadorias, o que reforça um elo entre a coerção do modo de produção capitalista e o consentimento do trabalhador. No processo de controle pelo olhar, agora presente na nova forma de gestar o trabalho, o movimento de captura ideológica do trabalhador faz com que o sujeito se adapte a essas novas imposições, não por compactuar de maneira voluntária com as novas formas de controle e produção, mas por condições objetivas de vida, ou seja, sua sobrevivência. “É a partir do processo de produção intrafábrica (e na relação entre empresas) que ele procura reconstituir a hegemonia do capital, instaurando, de modo pleno, a subsunção real da subjetividade operária pela lógica do capital” (ALVES, 2000, p.40).

As alterações na forma de gestão da força de trabalho provocam uma metamorfose, com a qual o trabalhador deve agir diante de seu posicionamento tanto individual quanto intelectual, e é o elo orgânico necessário na produção flexível, ou seja, a atividade mental e física deve ser exposta a partir de práticas cotidianas. . O movimento de dar sustentabilidade e razão ao que se produz faz todo sentido, pois nessa nova forma de gestar o trabalho, o resgate de características antes dispensadas, entre as quais a criatividade, devem aparecer. A busca constante pelo aperfeiçoamento de um homem, que seja calcado em ações e pensamentos, é requisito no toyotismo.

Esse processo está abalizado em movimentos ideológicos e na criação de valores-fetice. Ao se pensar sobre a importância da subjetividade, considera-se que, a partir do momento em que a captura da subjetividade ocorre pela fragmentação de categorias importantes, como por exemplo: razão e sensibilidade, e que se estabelece uma diferença

entre as necessidades verdadeiramente importantes e as necessidades criadas, que se tornam mais importantes do que as reais. E mais, a construção às avessas de categorias fundamentalmente importantes para o movimento de resistência, como a emancipação e a solidariedade, que sofrem o processo da despolitização, e a naturalização da miséria, da desigualdade social, e da meritocracia, que então aparecem como inerentes à vida humana, é possível que se compreenda a necessidade da criação de valores e necessidades no modo de produção capitalista. Isto porque esse novo modelo (produção flexível) necessita de constante presença da ideologia de mercado para dar razão à sua nova forma de controle da vida social do sujeito.

De acordo com o que diz Alves (2011), salienta-se a diferença qualitativa do movimento de captura da subjetividade do binômio fordista/taylorista para o toyotismo.

O americanismo e fordismo² tratavam da constituição de uma “cultura industrial”, o que não é o caso do toyotismo que surge no interior de sociedades industriais plenamente desenvolvidas. O que se coloca não é apenas a constituição de uma disciplina ou autodisciplina, mas de “atitudes pró-ativas” de comportamento capazes de significar a participação ativa da inteligência, da fantasia e da iniciativa do trabalho (o que não era exigido no fordismo-taylorismo). Por isso, a “captura” da subjetividade do toyotismo é “qualitativamente diferente” da “captura” da subjetividade adotada pelo fordismo-taylorismo” (ALVES, 2011, p.117).

A inspeção através do olhar deixa o trabalhador muito mais refém do que uma disciplina física imposta em outras formas de a força de trabalho. A ideia de que a vigilância está *em si*, abrange todo o contingente da vida do trabalhador. O termo panóptico, que explicita a nova forma de gestão da força de trabalho, é a “[...] ideia do utilitarista Jeremy Bentham no século XIX, era um projeto arquitetônico de instituições disciplinares que utilizam o olhar como instrumento de controle. A ideia do panóptico [...] para ser utilizada em presídios, surgiu a partir de experimentos nas fábricas russas no começo do século XIX” (PERROT *apud* ALVES, 2011, p.115).

Salienta-se que no fordismo-taylorismo, embora tenha havido a tentativa de conseguir trabalhadores adequados para que se comportassem de outra forma dentro das fábricas, a organização técnica de produção ainda se mantinha. Bastava, portanto, que o trabalhador repetisse funções, trabalhasse com máquinas, o que pode ser ilustrado pelo

² Sugere-se, para uma leitura mais aprofundada do tema, o texto: Cadernos do Cárcere: Volume 04: Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

filme “Tempos Modernos – de Charlie Chaplin”, em que a coerção no trabalho permanecia, mas sob do olhar e o controle do patronato. Ou seja, era necessária a presença de sujeitos para controlar outros sujeitos; uma inspeção física sob o olhar e a ordem, mas externa ao trabalhador.

Já, na gestão flexível, salientada anteriormente, a necessidade de recuperar nos trabalhadores a fantasia e a criatividade faz com que uma nova forma de produzir seja aderida. Ou seja, na atualidade não é mais suficiente que se mantenha um trabalhador realizando funções repetidas ou *somente* ligando a máquina de forma mecânica. Nesse momento, é importante que se extrapolem as ações do fordismo-taylorismo — o controle explícito e a coerção — para acelerar e manter a produção. As novas formas de estímulo ao trabalhador ocorrem a partir da divulgação de ações ideológicas, visando à criação de novos modos de vínculo e estímulo. “O novo modelo produtivo requer uma arquitetura de controle do metabolismo social do capital de novo tipo. Primeiro, pela “reordenação” espaço-temporal, tanto do trabalho quanto da vida social” (ALVES, 2011, p.118). A vida social deve ser reduzida à lógica da produção do capital, e todas as esferas da sociabilidade humana são preenchidas pelo trabalho — exemplo da reordenação do espaço-temporal. Segundo, “pela inversão do “inspetor externo” em “inspetor interno” que manipula as instâncias da subjetividade (pré-consciência e inconsciente) por meio de valores-fetice (ALVES, 2011, p.118).

Conforme já se mencionou, para Marx o fetice é a maneira de exteriorizar a alienação. E isso tem grande valia nesse contexto de “captura” da subjetividade do trabalhador e sua mudança comportamental. O conceito dessa captura esbarra, por um lado, na construção de um “processo de subjetivação” que une a instância da produção com a instância da reprodução social. Contudo o movimento de expropriação/apropriação da riqueza complexa da subjetividade humana, que aparece ao longe nas condições históricas do processo civilizatório tardio, requer um mecanismo de manipulação social aperfeiçoado (ALVES, 2011).

Dessa forma, entende-se que, no modo de produção capitalista, o trabalhador não se reconhece, mas está permeado de um movimento de negação.

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha, e quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho *obrigatório*. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência [...]. Sua estranheza evidencia-se aqui [de

forma] tão pura que, tão logo inexistia coerção física ou outra qualquer, fogue-se do trabalho como de uma peste (MARX, 2010, p. 83).

Portanto, no momento em que se faz referência à reordenação do espaço-temporal, o que se percebe é que, na gestão flexível, a atividade produtiva está permeada pela fragmentação e isolamento do sujeito, e que não corresponde à mediação entre homem e natureza. Então, se modificam e reificam as relações, fazendo delas uma relação entre coisas. Tudo é reificado, e as relações ontológicas, fundamentais, não correspondem aos seus conceitos originais. O indivíduo é posto diante de meros objetos, pois, seu “corpo inorgânico” – “natureza trabalhada” — e a capacidade de produzir, agora estão alheios a ele. Não se tem a consciência de um ser genérico, ou seja, um ser que *não* esteja fundamentado em sua individualidade (MÉSZÁROS, 2016).

A subjetividade do trabalho vivo recebe interferências de diversas instâncias, e isso leva a um impedimento de despertar no homem as reais necessidades para o desenvolvimento de sua personalidade. Essas interferências vêm do intenso e denso processo manipulador do capitalismo global, tanto na esfera do consumo quanto na esfera da produção. Aliás, aqui, com esse processo que impede o homem de desenvolver sua personalidade real, sua verdadeira autonomia, acaba por constituir a “subjetividade pelo avesso”, ou seja, a formação da subjetividade atingida pelo estresse, que é fruto da relação torturante e contraditória relação-capital-trabalho. O núcleo humano da subjetividade do trabalho é atingido por uma das principais contradições da sociedade capitalista, nessa etapa do desenvolvimento histórico a que se faz referência. Isto é, a contradição que existe entre o grande desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social, que poderia ser base para um processo que libertasse o homem do trabalho heterônomo, transformando seu tempo livre em possibilidade de fazer outras atividades, entre as quais contribuir para o aperfeiçoamento de suas habilidades físicas e espirituais, e do outro lado dessa contradição aparecem as relações capitalistas de produção da vida social, que são grades aprisionadoras do homem, seja através da transformação do tempo de vida em tempo de trabalho estranhado; ou através da transformação do tempo de vida em tempo de consumo fetichizado (ALVES, 2011).

Percebe-se, então, que a nova forma de gestão da força de trabalho está permeada de elementos manipulatórios contrários às necessidades reais para o desenvolvimento do homem integral. No modo de produção capitalista, à medida que se tem o desenvolvimento das forças produtivas surge um abismo entre o homem que, através

desse processo, poderia desenvolver suas múltiplas capacidades, e o homem permeado de fenômenos e processos que são típicos desse modo de produção. Homem este que, por sua vez, cada vez mais sucumbe ao trabalho, submerso no desenvolvimento tecnológico, e que tem suas relações sociais dominadas pelo fetiche da mercadoria, culminando em relações fetichizadas, abalizadas para suprir as necessidades frívolas e não as reais para seu desenvolvimento.

Ainda se tem a presença de organizações — escolas, igrejas, meios de comunicação, partidos políticos, dentre outros — que exercem, sobre a sociedade, o poder da manipulação, reforçando as necessidades criadas, cujo objetivo está em difundir as concepções burguesas nas relações sociais e em todas as esferas da vida. É possível que se visualize a força dessa manipulação a partir do momento em que,

[...] aquela manipulação que vai da compra do cigarro às eleições presidenciais ergue uma barreira no interior dos indivíduos entre a sua existência e uma vida rica de sentido. Com efeito, a manipulação do consumo não consiste, como se pretende oficialmente, no fato de querer informar exhaustivamente os consumidores sobre qual é o melhor frigorífico ou a melhor lâmina de barbear; o que está em jogo é a questão do controle da consciência (LUKÁCS *apud* KOFLER; ABENDROTH; HOLZ, 2014, p. 67).

Ressalta-se, portanto, que o movimento de manipulação que ocorre na nova forma de gestão da força de trabalho não se basta na esfera da produção, mas também requer a esfera da reprodução da vida. Assim, a captura da subjetividade acontece em todas as instâncias, o que contribui para a fragmentação do movimento de luta e resistência por parte da classe trabalhadora. Sabe-se que uma esfera complementa a outra (produção e reprodução), portanto, o processo de manipulação possui um ciclo que contempla a vida do homem, seja no trabalho, ou nos raros momentos de lazer, seja na própria prece.

As religiões fornecem os principais elementos do senso comum, constituindo-se em uma potência ideológica sobre vastos estratos sociais, ao manifestar-se "das formas mais toscas às mais intelectualizadas." Entretanto, se este era um fenômeno visível na Itália do início do século 20, é hoje observável em escala global, extrapolando o catolicismo, através dos mais variados cultos e religiões e, dada sua imperatividade, produz normas de conduta e modos de agir em diferentes camadas de classe. (GRAMSCI *apud* SIMIONATTO, 2009, p. 43).

A partir dessa reflexão sobre os movimentos de manipulação que permeiam a vida do homem, e da contemplação de que esse movimento está presente na esfera da produção e reprodução da vida, é importante que se ressalte que, as organizações privadas como já

citadas, são também espaço de luta e resistência, visto que esses mesmos espaços utilizados como ferramentas da manipulação social, e da propagação da ideologia burguesa, está presente a contradição, portanto não consiste apenas na manipulação social e reforço da capitalismo, deste modo, compreende-se que, é o espaço da sociedade civil da hegemonia e contra-hegemonia. Nesse momento, discorre-se sobre os mecanismos utilizados na nova forma de gestão da força de trabalho, que mediam os processos de captura da subjetividade. Portanto, aqui, centra-se a análise sobre os movimentos utilizados pelo modo de produção capitalista e da organização do trabalho, os quais vão fragmentar e capturar ainda mais a classe trabalhadora.

Na reestruturação produtiva, exemplificada através do toyotismo, é possível que se perceba no sujeito características cada vez mais solitárias e de isolamento. O que dá origem a esse processo é justamente a proposta de novas formas de organização da força de trabalho: as novas formas de pagamento e o trabalho em equipe. Essas duas formas exercidas na gestão flexível têm vínculos efetivos com a criação de valores-fetiche, e, principalmente, a utilização da subjetividade para a concretização dessas novas formas de organizar a força de trabalho, o que impacta diretamente na organização da classe trabalhadora. Salienta-se que as novas formas de pagamento e o trabalho em equipe são mecanismos utilizados para que, de maneira ilegítima, os trabalhadores consintam sobre a realidade do trabalho na qual estão inseridos, ou seja, uma organização da força de trabalho baseada na concorrência.

A concorrência entre as pessoas e entre as empresas efetua-se em todos os níveis, reforçando a disputa contra os “outros” enquanto parte da moderna ética do trabalho concentrado no trabalho em equipe. Nessas equipes, as relações entre os trabalhadores constituem uma superficialidade partilhada voltada para tarefas específicas de curto prazo: é a base da recompensa presente e da fragmentação da unidade de classe em troca da noção de pertencimento a equipe muito útil ao exercício da dominação do capital (SENNETT *apud* WÜNSCH, 2013, p. 80).

A gestão da força de trabalho no toyotismo não está calcada apenas na produção, mas em todas as esferas da vida, o que dá origem à subjetividade às avessas. O ambiente de trabalho tem sido preenchido por discursos reforçados pelas organizações que promovem a manipulação social, onde, embora o trabalho em equipe seja uma forma de mediação para a captura da subjetividade, as palavras motivacionais³ possuem cunho

³ Utiliza-se a palavra motivacional em sentido figurado, ou seja, se faz uma crítica aos discursos presentes

individualista. Compreende-se que esse movimento transfere para o sujeito a responsabilidade de suas ações, e mais: coloca-o como elemento central para o desenvolvimento da produtividade.

De certo modo, a sociabilidade neoliberal, com seus valores, expectativas e sonhos de mercado e mais, com a exacerbação do fetichismo da mercadoria, tem contribuído para sedimentar os consentimentos dos trabalhadores assalariados às novas “metas” da produção toyotista. É claro que estamos diante de um processo contraditório de construção da nova hegemonia do capital na produção, envolvendo nexos geracionais que tendem a resistir, mais ou menos, às novas implicações subjetivas do toyotismo (ALVES, 2011, p. 121).

Entende-se, portanto, que as novas estratégias do modo de produção capitalista e a nova forma de gestão da força de trabalho acarretam a fragmentação e o aumento da heterogeneidade da classe trabalhadora. Isto porque, conforme já se discorreu sobre a noção da reordenação espaço-temporal, encontra-se também o processo de liofilização organizacional, o qual

[...] é basicamente caracterizado pela redução do trabalho vivo e a ampliação do trabalho morto, pela substituição crescente de parcelas de trabalhadores manuais pelo maquinário tecnocientífico, pela ampliação da exploração da dimensão subjetiva do trabalho, pela sua dimensão intelectual no interior das plantas produtivas, além de pela ampliação generalizada dos novos trabalhadores precarizados e terceirizados da “era da empresa enxuta” (ANTUNES, 2005, p. 50).

Desse modo, a fragmentação da classe trabalhadora e da hegemonia das ideias vinculadas às ideias do capital aumenta a dificuldade da construção de uma unidade coletiva que seja capaz de promover movimentos de resistência no sentido da luta de classes. Portanto, encontra-se dificuldade para a construção de uma subjetividade que seja construída em favor da consciência de classe, ação coletiva, notadamente nos trabalhadores mais jovens (WÜNSCH, 2013).

Considerações Finais

O que se percebe, portanto, é que, na gestão flexível, a subjetividade humana está demarcada pela manipulação social e pelos limites impostos pelo modo de produção

dentro das fábricas, que embora apareçam como motivacionais, na realidade são destrutivos, provocando a competição e a fragmentação dos trabalhadores.

capitalista. Esta, por sua vez, é uma instância que possui grande importância para a propagação dessa nova forma de gestão da força de trabalho, que leva o trabalhador a um processo obscuro sobre a construção e reconhecimento do seu próprio ser.

Essa condição histórica da práxis social em sociedade dominada pelo fetichismo da mercadoria posta um grande desafio à ‘negação da negação’. O processo de fetiche da mercadoria e a abundância de fetichismos sociais que dele se originam, impõem constrangimentos inegáveis à produção da subjetividade humana nas sociedades mercantis desenvolvidas (ALVES, 2011). Em relação ao capital, na condição de um sistema de controle do metabolismo social, é “[...] uma poderosa - até o presente, de longe a mais poderosa – estrutura ‘totalizadora’ de controle do metabolismo social que surgiu no curso da história humana” (MÉSZÁROS, 2002, p. 2012). Desse modo, instalam-se movimentos relativos à subjetividade humana que são incoerentes com o pleno desenvolvimento do homem. Entretanto, os espaços e organizações que, embora sejam, em determinado aspecto, utilizados para a difusão do pensamento e da concepção da vida burguesa, são ao mesmo passo, espaços para a contradição, resistência e para movimentos que fazem o enfrentamento a criação de valores, imposições e modo de vida advindo do modo de produção capitalista.

Referências

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Subjetividade**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

CORRIAT, Benjamim. **Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização**. Rio de Janeiro: Revan; UFRJ, 1994.

FAUSTO, Ruy. A pós-grande Indústria. Nos Grundrisse (e para além deles). **Lua Nova**, São Paulo: CEDEC, n. 19, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

IASI, Mauro. A Maldição e a Emancipação do Trabalho (Ou como a humanidade dançou e como ela pode dançar). In: SOCIABILIDADE burguesa e Serviço Social. Coletânea Nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

LUKÁCS, György. **Conversando com Lukács**: entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: Livro I: Volume I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

SIMIONATTO, Ivete. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 41-49 jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v12n1/06.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2018.

WÜNSCH, Paulo Roberto. **O movimento dos trabalhadores frente ao complexo de reestruturação produtiva**: o sindicalismo dos metalúrgicos de Caxias do Sul. Bauru: Projeto Editora Práxis; Canal 6, 2013.